

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
SOCIOLOGIA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS
SOCIAIS

DEBORAH DE OLIVEIRA LEANDRO DA SILVA

SOCIOLOGIA:
Uma ciência, muitos paradigmas

NITERÓI
2022

DEBORAH DE OLIVEIRA LEANDRO DA SILVA

SOCIOLOGIA

Uma ciência, muitos paradigmas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Orientadora:

Prof^ª. Dra. Verônica Toste Daflon

Niterói, RJ
2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA GERADA EM:
<http://www.bibliotecas.uff.br/bee/ficha-catalografica>

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D111s Da Silva, Deborah de Oliveira Leandro
Sociologia : Uma ciência, muitos paradigmas / Deborah de Oliveira Leandro Da Silva ; Vêronica Tostes Daflon, orientadora. Niterói, 2022.
48 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia)-
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2022.

1. Sociologia. 2. Metodologia. 3. Revisão sistemática. 4. Produção intelectual. I. Daflon, Vêronica Tostes, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

DEBORAH DE OLIVEIRA LEANDRO DA SILVA

SOCIOLOGIA

Uma ciência, muitos paradigmas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Verônica Toste Daflon – Orientadora

UFF

Prof. Dr. Lucas Correia Carvalho – Membro Convidado

UFF

Prof. Dr. Matheus Mazzilli Pereira – Membro Convidado

CEM

Niterói
2022

Ao meu irmão, Arthur.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus pais que pelo esforço que fizeram em prol da minha educação desde sempre. Aos meus avós, tios, tias, primos e primas que sempre torceram por mim. Agradeço ao meu irmão que nunca deixou de acreditar em mim, nem por um segundo.

Também agradeço a todos os meus amigos, em especial Açucena, Renan, Andressa e Stefany, que fomentaram grande parte as discussões trazidas aqui. Também quero agradecer a Thay, Nina e Maby, vocês são muito especiais.

Obrigada aos professores do curso e em especial à minha orientadora Verônica e ao professor Lucas Correia. Me sinto abençoada por ter tido aula com vocês.

Agradeço, e deixo essa nota em memória do meu amigo Juarez Henrique, que estudou na UFF e me incentivou a escolher esta maravilhosa instituição. Serei eternamente grata.

“O sonho em si mesmo é somente uma sombra”

Hamlet

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é avaliar a importância e presença dos métodos científicos nas produções acadêmicas da sociologia. Procura verificar se a tendência apontada por Hill Collins (1998), Cano (2012) e van Zoonen (2012) de se valorizar epistemologias subjetivistas afetou o núcleo da produção científica no Brasil. Para alcançar esse objetivo, compilou-se 279 artigos publicados no ano de 2020 nos 9 principais periódicos da área, com classificação A1 no Qualis-CAPES. Após a coleta dos artigos, eles foram classificados em uma planilha em diversas variáveis: nome da revista, referência do artigo, resumo, palavras-chave, presença da metodologia de pesquisa no resumo (sim ou não), método descrito pelo(a) autor(a), classificação da metodologia, tipo de método (qualitativo, quantitativo ou misto), formação do(a) autor(a) principal, fontes primárias de pesquisa e tipo de texto (empírico, teórico, ensaio, relato de experiência ou metodológico). O método utilizado na pesquisa foi a revisão sistemática de literatura. Os resultados apontam que a experiência pessoal, o relato e o testemunho têm baixa ou nenhuma presença nos artigos de Sociologia publicados em revistas A1. Os dados, de modo geral, indicam que a metodologia é destacada em 63% dos resumos dos artigos empíricos e não aparece em 32% deles. Em número pequeno, mas ainda assim expressivo, de artigos não se identificou nenhuma indicação de método ou técnica de pesquisa nem no resumo nem no corpo do texto. Por fim, a pesquisa identificou uma baixa diversidade de técnicas de pesquisa e a prevalência de fontes documentais.

Palavras-chave: revisão sistemática, metodologia, sociologia brasileira

ABSTRACT

The general objective of this work is to evaluate the importance and presence of scientific methods in the academic productions of sociology. It seeks to verify whether the tendency pointed out by Hill Collins (1998), Cano (2012) and van Zoonen (2012) of valuing subjectivist epistemologies at the expense of method and objectivity has affected the core of scientific production in Brazil. To achieve this goal, 279 articles published in 2020 were compiled in the 9 main journals in the area, with an A1 rating in Qualis-CAPES. After collecting the articles, they were classified in a spreadsheet according to several variables: journal name, article reference, abstract, keywords, presence of the research methodology in the abstract (yes or no), method described by the author (a), classification of methodology, type of method (qualitative, quantitative or mixed), training of the main author, primary sources of research and type of text (empirical, theoretical, essay, experience report or methodological). The method used in the research was a systematic literature review. The results show that the personal experience have little or no presence in the Sociology articles published in A1 journals. The data, in general, indicate that the methodology is highlighted in 63% of the abstracts of empirical articles and does not appear in 32% of them. In a small, but still expressive, number of articles, no indication of research method or technique was identified either in the abstract or in the body of the text. Finally, the research identified a low diversity of research techniques and the prevalence of documentary sources.

Keywords: systematic review, methodology, Brazilian sociology

SUMÁRIO

1. Introdução	14
2. Metodologia	20
3. Objetivos	26
4. Dados e Discussões	28
5. Considerações finais	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Artigos analisados por periódico

Tabela 2 – Gênero dos textos

Tabela 3 – Áreas dos(as) autores(as) principais

Tabela 4 – Classificação dos métodos

Tabela 5 – Tabela dos 30 principais palavras-chave

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gênero dos textos

Figura 2 – Áreas dos(as) autores(as) principais

Figura 3 – Presença de metodologia no resumo

Figura 4 – Classificação dos métodos

Figura 5 – Métodos utilizados

Figura 6 – Principais fontes de pesquisa

Figura 7 – Nuvem palavras dos métodos descritos pelos autores

Figura 8 – Nuvem de palavras-chave

INTRODUÇÃO¹

Hoje, muito se fala, dos fenômenos sociais assustadores que a pandemia produziu, principalmente sobre o anticientificismo. Existe uma tendência de se colocar o conhecimento pessoal, adquirido no cotidiano e ao longo do tempo de vida, como conhecimento superior, em detrimento do conhecimento científico. No entanto, apesar de ter se acentuado nos últimos anos, a tendência de se defender o conhecimento pessoal, adquirido no cotidiano, como superior ao conhecimento científico – construído via observações sistemáticas e controladas – é mais antiga (VAN ZONEN, 2012). Além disso, embora seja comum associar essas tendências a movimentos contra o *establishment* científico, elas já foram também identificadas no campo da Sociologia. Em texto publicado em 2012, por exemplo, o sociólogo Ignacio Cano expressou preocupação com a radicalização das críticas endereçadas à sociologia e as chances de se relativizar o conhecimento a ponto de descaracterizar a sociologia como ciência. A crítica a um suposto positivismo conservador das ciências sociais, afirmava Cano, resultava com frequência num relativismo radical:

Em alguns casos, havia também uma crítica política sustentando que esse 'positivismo' era aliado de posições conservadoras, às quais cabia opor filosofias libertadoras: feminismo, valorização das minorias étnicas, defesa e conscientização do proletariado etc. No seu radicalismo antiquantitativo, algumas dessas posições acabavam, explícita ou (mais comumente) implicitamente, embarcando num relativismo absoluto do conhecimento, oposto à noção mesma de ciência. (CANO, 2012, p.104).

De modo similar, em 1998 a socióloga norte-americana Patricia Hill Collins (1998) advertiu para os perigos da excessiva valorização das narrativas individuais e da subjetividade humana no campo das ciências sociais. “Como podemos falar de pobreza ou falta de moradia sem analisar estruturas sociais como entidades autônomas?”, afirmou. Para Liesbet van Zoonen (2012), essas tendências podem ser entendidas como o que ela chama de "epistemologia do eu": a ideia de que indivíduos podem tomar a si como sua própria fonte de

¹ Como citar: OLIVEIRA, Deborah. Sociologia: uma ciência, muitos paradigmas. 2022. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Sociologia, Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2022.

conhecimento, baseado, naturalmente, na sua própria – limitada e esgotável – experiência.

Em uma argumentação muito perspicaz, van Zoonen contrapõe duas correntes anticientíficas: o conspiracionismo e os grupos acreditam ser o receptáculo da verdade. Para os conspiracionistas, a verdade está do lado de fora, isto é, fora das instituições formais da produção de conhecimento, como por exemplo, as universidades. Os membros desses grupos, de forma geral, acreditam em grandes esquemas de censura do conhecimento e encobrimento da verdade e criam redes para a circulação de verdades alternativas. Do outro lado, há aqueles que acreditam que o conhecimento está dentro de si, e que é possível conhecer o mundo exclusivamente a partir da própria experiência.

Em ambos os casos, tudo gira em torno da retórica e do poder de argumentação, já que não existem argumentos científicos, nem dados, nem evidências com que se possa comprovar a veracidade do que se diz. O apelo dessa epistemologia cresceu substancialmente nos últimos anos: com as redes sociais, qualquer um pode dizer o que pensa para uma quantidade infinita de pessoas que podem partilhar desta mesma percepção, levando o indivíduo a crer que sua opinião é a verdade pela força do número. Isso acontece porque a validade da argumentação está baseada na aceitação dos demais e se um grupo concorda com a argumentação, mesmo sem apresentar evidências, entre eles aquela passa a ser a verdade (VAN ZONEN, 2012). Não é difícil identificar alguns dos responsáveis pela valorização do “eu” tão exacerbada: podcasts, Instagram, Twitter, coaching e aperfeiçoamento pessoal, terapias de autoconhecimento, empreendedorismo, meritocracia, ode ao individualismo suscitado pelo neoliberalismo, e tantas outras coisas que concentram todas as atenções indivíduo e em sua própria história.

What do people do in this situation of high epistemological insecurity, of not knowing what is true or who can be trusted to have access to the truth and tell it. In the current cultural climate, and especially with respect to knowledge and ‘truth’, it seems they have done two things. First, they have found someone or something to blame; in his contribution to this issue of EJC, Stef Aupers analyses how conspiracy theories offer an illusion of knowledge and control, of causal connections in a chaotic world and of clearly identifiable actors (Muslims, ‘the Left’, Jews) or institutions (Big Pharma, ‘the Government’) to blame. Second, people have turned to themselves as an alternative source of knowing and understanding. The simultaneous growth of therapy (finding oneself), spiritualism (improving oneself) and personal media (expressing oneself) are just some of the signs of this movement

that was already being denigrated as a culture of narcissism in the 1970s (VAN ZONEN, 2012, p. 60)

O mesmo vale para o indivíduo que vê o mundo sob as lentes da sua própria vida: ele interpreta os acontecimentos conforme os instrumentos lógicos de que dispõe. O problema é que a observação casual e a lógica individual podem não passar de ilusões dedutivas. A generalização da experiência particular para o mundo social corre o risco de estar profundamente equivocada. Para nós, seres humanos, é muito difícil aceitar que não conhecemos algo. E para o pensamento científico é fundamental que o sujeito saiba os limites do que não sabe, cultivando a humildade diante daquilo que não pesquisou de forma sistemática e profunda.

Existe hoje ainda um outro problema: a ideia de que para falar de um determinado assunto, o pesquisador precisa ser parte do grupo estudado. Para estudar sobre questões raciais o pesquisador precisa ser racializado, para falar sobre feminismo precisa ser mulher, como se conhecimento decorresse diretamente da experiência. É o que se chama, com conotação positiva, de local de fala. O problema é que, tendo em vista a questão do viés de confirmação, todas as pessoas, sem exceções, têm chance de tentar confirmar aquilo que já constataram através de sua experiência. Supor, portanto, que a experiência de uma pessoa contém a verdade porque ela testemunhou, viu ou experimentou uma situação específica é, mais uma vez, expressão da forte influência que a “epistemologia do eu” exerce na atualidade. Seja a pessoa oriunda de qualquer grupo social, sua pesquisa deve ser igualmente rigorosa e claramente descrita. Todo tema é tema da sociologia, desde que tratado cientificamente.

Muitos sociólogos persistem em ver raça, a classe e o gênero primariamente como categorias de identidade, e a encarar as questões levantadas pelos acadêmicos que trabalham nessas áreas como uma agenda particular e, portanto, anti-científica e não universal. No entanto, essa visão se equivoca ao não enxergar o potencial teórico e metodológico de cada uma dessas áreas, assim como das possibilidades abertas pelo diálogo entre elas. (HILL COLLINS, 1998, p. 8)

Toda a análise e discussão desta monografia busca promover o debate das questões supracitadas. O que se busca saber é se as preocupações expressadas por sociólogos como Ignacio Cano (2012), Patricia Hill Collins (1998) com o status científico da sociologia face às tendências subjetivistas das últimas

décadas fazem sentido no contexto brasileiro atual. Em que medida as tendências à “epistemologia do eu” (VAN ZONEN, 2012) se mostram presentes na produção científica da área? A monografia investiga se tais tendências se verificam na produção acadêmica da Sociologia brasileira, isto é, se a valorização de experiências individuais e a rejeição a abordagens metodológicas tradicionais atingiu o núcleo da disciplina.

A pesquisa também se debruça sobre o valor conferido à exposição dos métodos de pesquisa entre os(as) sociólogos(as) e presta atenção na variedade de métodos utilizados. Para alcançar esse objetivo, compilou-se 279 artigos publicados no ano de 2020 nos 9 principais periódicos da área, com classificação A1 no Qualis-CAPEs. Após a coleta dos artigos, eles foram classificados em uma planilha em diversas variáveis: nome da revista, referência do artigo, resumo, palavras-chave, presença da metodologia de pesquisa no resumo (sim ou não), método descrito pelo(a) autor(a), classificação da metodologia, tipo de método (qualitativo, quantitativo ou misto), formação do(a) autor(a) principal, fontes primárias de pesquisa e tipo de texto (empírico, teórico, ensaio, relato de experiência ou metodológico). O método utilizado na pesquisa foi a revisão sistemática de literatura (FONSECA E SÁNCHEZ-RIVERO, 2019). Sendo assim, os artigos analisados foram selecionados a partir de critérios explicitados no corpo desta produção, de forma que é possível, por parte de outros pesquisadores, reproduzir, avaliar e contestar os resultados encontrados. Também estarão disponíveis os dados brutos em planilha anexa.

Como afirma Pierre Bourdieu em célebre entrevista², a sociologia é uma ciência que incomoda, e perturba na mesma medida a sociedade e o sociólogo. Esse é um dos motivos por que é incompatível com a “epistemologia do eu”: se essa última se baseia na ideia reconfortante de que os fatos são acessíveis por observação direta, introspecção solitária, inteligência, popularidade ou qualidades pessoais, a epistemologia das ciências sociais apresentada por um autor como Bourdieu (2003) defende justamente o contrário. Para ele, o conhecimento é difícil, escorregadio, arduamente conquistado e, principalmente, incômodo. Toda ciência incomoda, porque cada novo achado é um reconhecimento do nosso estado de ignorância anterior.

[...] a sociologia [é] uma ciência especialmente difícil, especialmente improvável. Uma das dificuldades maiores reside

²Entrevista com Pierre Thuillier. *La Recherche*, n. 112, Junho de 1980. PP. 738-743.

no fato de os seus objetos serem paradas em jogo de lutas; coisas que se escondem, que se censuram, pelas quais há quem esteja disposto a morrer. O que é verdade para o próprio investigador que está em jogo nos seus próprios objetos. E a dificuldade particular que há em fazer sociologia liga-se muitas vezes ao facto de as pessoas terem medo daquilo que vão encontrar. A sociologia confronta sem parar aquele que a prática com realidades rudes; desencanta. (BOURDIEU, 2003, p.23)

A sociologia é a ciência da mudança constante: cada novo conhecimento altera tanto o objeto, quanto quem o estuda. Logo, o fator subjetivo é inseparável do conhecimento sociológico e tentar negar a influência do autor sob sua análise, atrapalha muito mais do que ajuda, impedindo que o pesquisador exerça a reflexividade necessária a uma boa pesquisa. Contudo, é necessária a manutenção do rigor científico, o que torna o trabalho sociológico muitíssimo difícil, em comparação às ciências cujos objetos de estudo não têm consciência dos dados produzidos sobre eles. Como afirma o sociólogo Ignácio Cano,

Nas Ciências Sociais, [...] a coincidência entre o sujeito que estuda e o objeto de estudo abre um mundo de possibilidades, entre elas a de que o cientista se interrogue a si mesmo, enquanto membro de um grupo, sobre o significado das ações dos indivíduos desse grupo, através da introspecção ou da empatia. Outro elemento de grande relevância é que o produto do conhecimento das ciências sociais pode transformar o seu objeto, pois os seres humanos podem usar esse saber para mudar o seu comportamento. (CANO, 2012, p. 98)

Finalmente, uma ciência que apenas reporta fatos não é verdadeiramente uma ciência: é preciso que ela seja capaz de produzir explicações e que estas sejam consistentes (ROJAS, 2017). Uma ciência que só reproduz o que já se sabe, ou só se debruça sobre as aflições mais recorrentes, ou que não se preocupa com o “como se faz” apenas com “o que se faz”, está progressivamente perdendo seu objetivo. Ao buscar identificar o valor dado à metodologia nos artigos analisados, procura-se determinar em que medida a produção científica da Sociologia se ocupa de discutir o “como se faz”. Isso tem duas implicações. Primeiramente, ao discutir a metodologia, um(a) autor(a) estabelece um suporte mais firme às suas afirmações e conclusões. Em segundo lugar, a metodologia e a variedade dos métodos de investigação e modelos de explanação são a melhor forma de garantir que a sociologia não se limite apenas a reportar fatos, mas que seja um campo dinâmico em que diferentes ângulos e perspectivas se confrontam ou complementam (LITTLE, 1991).

METODOLOGIA

Esta monografia foi construída a partir do método de revisão sistemática de literatura, isto é, a seleção do material primário utilizado foi feita através de um protocolo especificado, de forma a se evitar a subjetividade, permitindo que a pesquisa possa ser integralmente reproduzida por terceiros (FONSECA E SÁNCHEZ-RIVERO, 2019). A descrição das etapas está organizada em ordem cronológica. Os artigos foram analisados através dos resumos, onde se buscou o trecho exato no qual o autor descreve o método utilizado, e da leitura transversal dos artigos, em busca da descrição dos procedimentos, métodos e técnicas utilizados. No total foram analisados 279 artigos.

As revisões sistemáticas da literatura constituem uma estratégia de síntese do conhecimento já há muito conhecida e utilizada no âmbito das ciências da saúde e da educação. Só muito recentemente começaram a ser alargadas ao âmbito das ciências sociais. O caráter padronizado das revisões sistemáticas confere-lhes uma maior objetividade e permite a respetiva replicabilidade o que, por sua vez, assegura a fidedignidade das conclusões obtidas. (FONSECA; SÁNCHEZ-RIVERO, 2019, p. 80)

A metodologia consiste na quantificação e tabulação de dados sobre os 279 artigos. Para selecioná-los, foi realizado o seguinte procedimento: na seção Qualis Periódicos da Plataforma Sucupira foram utilizados os filtros **EVENTO DE CLASSIFICAÇÃO > CLASSIFICAÇÃO DE PERIÓDICOS 2013-2016, ÁREA DE AVALIAÇÃO > SOCIOLOGIA, CLASSIFICAÇÃO > A1**. A busca retornou 87 resultados. Em seguida, excluiu-se as publicações em língua estrangeira e os periódicos de outros países, restando apenas as revistas brasileiras e em português. Dessa nova seleção foram excluídos os periódicos que não tratavam estritamente de sociologia. Assim, foram excluídos periódicos da área de Educação, Saúde Coletiva, Antropologia, História, Gênero e Feminismo e Políticas Públicas. Desta maneira, dos 87 resultados da busca restaram os nove periódicos seguintes:

- CADERNO CRH – <https://www.scielo.br/j/ccrh/grid>
- CIVITAS – REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – <https://www.scielo.br/j/civitas/grid>

- DADOS – REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – <https://www.scielo.br/j/dados/grid>
- LUA NOVA – REVISTA DE CULTURA E POLÍTICA (ON-LINE) – <https://www.scielo.br/j/ln/grid>
- REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (IMPRESSO) – <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/grid>
- SOCIEDADE E ESTADO (UNB) – <https://www.scielo.br/j/se/grid>
- SOCIOLOGIA & ANTROPOLOGIA – <https://www.scielo.br/j/sant/grid>
- SOCIOLOGIAS (UFRGS) – <https://www.scielo.br/j/soc/grid>
- TEMPO SOCIAL – <https://www.scielo.br/j/ts/grid>

Uma vez selecionados os periódicos, foram salvos em uma pasta todos os artigos publicados nessas revistas no ano de 2020. Foram excluídas as entrevistas e as apresentações de dossiê, uma vez que metodologia não é obrigatória para este formato de produção, restando assim 279 artigos. Também foram excluídos os artigos que não possuíam resumo em português. Em seguida foi criada uma planilha em Excel, como treze colunas. Cada resumo foi analisado e, quando necessário, foi feita uma leitura transversal dos artigos para identificar a metodologia e as fontes primárias utilizadas. Os dados foram tabulados no Excel. Na última etapa, os dados foram transpostos para o software SPSS - Statistical Package for the Social Sciences – a fim de facilitar a análise de frequências.

- Nome da revista
- Ano
- Referência do artigo
- Resumo
- Palavras-chave
- Metodologia no resumo (sim ou não)
- Método descrito pelo(a) autor(a)
- Classificação da metodologia (Análise de dados quantitativos; Análise documental; Análise de conteúdo ou discurso; Entrevista; Etnografia; Revisão de literatura; Survey; Grupo focal; Estudo de Caso; Observação em campo; Outros; Não há; Não se aplica)

- Tipo de método (qualitativo, quantitativo ou misto)
- Formação do(a) autor(a) principal
- Fontes primárias de pesquisa (Bibliografia; Dados quantitativos; Audiovisual; Fontes jornalísticas; Observações de campo; Dados etnográficos; Survey; Entrevistas; Documentos; Grupos Focais; Testemunhos pessoais; Caso Clínico; Não tem; Não se aplica)
- Gênero do texto (empírico; teórico; teórico e empírico; ensaio; relato de experiência; metodológico)
- Link para o artigo

As cinco primeiras colunas são compostas de metadados. A coluna RESUMO possui o resumo do artigo na íntegra, e a coluna MÉTODO DESCRITO PELO AUTOR contém apenas o trecho do resumo em que o autor descreve a metodologia. A coluna PALAVRAS-CHAVE é crucial para o mapeamento dos temas e sua relação com os tipos de metodologia empregada. A coluna METODOLOGIA NO RESUMO contém apenas valores SIM e NÃO, e indica se há ou não menção à metodologia no resumo do artigo, sendo assim uma variável de interesse, já que este é o ponto central dessa monografia.

A coluna CLASSIFICAÇÃO DA METODOLOGIA existe pelo fato de frequentemente a metodologia não ser expressa de maneira clara no resumo ou mesmo no artigo, sendo necessária a classificação externa da metodologia descrita pelo autor no resumo ou no próprio artigo em uma categoria de metodologia conhecida como entrevista, análise documental, survey, dados quantitativos etc. Tal enquadramento é imprescindível para que se possa analisar quantitativamente os dados. A coluna MÉTODO QUALITATIVO, QUALITATIVO OU MISTO é uma segunda tabela de classificação de metodologia porém agrupada em nesses três grandes grupos, e tem função de mapeamento da tendência dos tipos de métodos mais utilizados.

A coluna FORMAÇÃO DO(A) AUTOR(A) PRINCIPAL agrupa os dados sobre a formação acadêmica do(a) primeiro(a) autor das produções que publicadas nas melhores revistas de sociologia. A coluna FONTES PRIMÁRIAS trata dos dados coligidos pelo(a) autor(a), isto é, os dados em que se apoiam para fazer afirmações. A coluna GÊNERO DO TEXTO admite os valores teórico, empírico, ambos, ensaio, relato de experiência ou metodológico. Essa coluna serve para retirar eventuais ensaios, entrevistas ou textos de outros tipos, que não são artigos, da análise final dos dados. Os textos estritamente teóricos

também foram retirados da análise da metodologia, pois artigos dessa natureza não propõem uma pesquisa empírica mediada por métodos de pesquisa. A coluna LINK assegura que qualquer um tenha acesso às informações contidas na planilha através do link do DOI do artigo. Todos os dados foram retirados da plataforma SciELO, na página das respectivas revistas.

Tabela 1 – Artigos analisados por periódico

Cadernos CRH	25	9%
Civitas	38	14%
Dados	28	10%
Lua Nova	27	10%
R.B.C.S	41	15%
Sociedade e Estado	32	11%
Sociologia & Antropologia	31	11%
Sociologias	17	6%
Tempo Social	40	14%
Total	279	100%

A utilização da revisão sistemática está diretamente ligada ao objetivo desta monografia, que em poucas palavras, é identificar a importância conferida pelos sociólogos brasileiros à metodologia ou ao “como se faz” e verificar se tendências de valorização de epistemologias relativistas, subjetivistas e individualizantes em detrimento do método e da objetividade afetou o núcleo da produção científica no Brasil. A preocupação é sobretudo com a presença das instruções necessárias à verificação, reprodução e transparência. A sociologia é uma ciência multiparadigmas (CANO, 2012), de forma que forçar uma única maneira de encontrar as respostas, e mesmo formular as perguntas, não procede. Logo, não faz sentido reproduzir modelos prontos de outras ciências cujo objetivo é encontrar um paradigma único.

Ainda assim, a sociologia tem como objetivo central a generalização e isso a distingue de outras formas de conhecimento. (CANO, 2012). Os dados não existem *a priori*, ou seja, os dados existem quando os produzimos e agrupamos de uma determinada maneira com a intenção de analisá-los (CANO, 2012). Logo, não há método puro e inflexível e sempre é necessário olhar em volta e se perguntar qual o sentido dos dados no mundo real, e qual sentido os indivíduos atribuem às ações que geram os dados. Segundo Cano (2012) a sociologia é a ciência da explicação e também da compreensão.

Não se trata de um positivismo frio e duro, como salienta Ignácio Cano, que muitos dos que se propõem a realizar pesquisas com metodologia quantitativa nas ciências sociais são acusados de fazer. Não há intenção em tornar a sociologia um espelho das ciências naturais ou mesmo de ciências exatas.

O positivismo, do ponto de vista metodológico, pode ser resumido em três princípios: a) o monismo metodológico, isto é, a crença num único método para todas as ciências, seja qual for o objeto de cada uma delas; b) a aplicação do método das ciências naturais, baseado na matemática, às ciências sociais; e c) a busca de leis e de explicações causais como objetivos centrais de qualquer ciência. (CANO, 2012. p.96)

Para fins comparativos, trago o artigo *Métodos Em Movimento: Quais São Os Desafios Metodológicos Para Os Estudos De Movimentos Sociais No Brasil Contemporâneo?* (PEREIRA; DOWBOR & SZWAKO, 2021) que trata dos tipos de metodologia utilizados nos estudos sobre os movimentos sociais no Brasil, a partir do método de revisão sistemática da literatura. Assim como esta monografia, o artigo busca quantificar e criticar o uso das metodologias no contexto da sociologia brasileira, apoiado na ideia de que, nas ciências, inclusive as sociais, tudo deve ser explicitado, nada do que é feito no decorrer de uma pesquisa deve ficar na sombra.

O artigo tem como uma das conclusões a posição secundária dada à metodologia nas produções acadêmicas na área de sociologia, tomando como base os artigos apresentados na Encontros Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) e nos Congressos Brasileiros de Sociologia (CBS). Assim como nesse trabalho, o cerne do artigo não está na defesa da utilização ou não de uma metodologia específica, e sim em sua descrição clara ao longo da produção, pois muitas vezes, como será demonstrado com os resultados da presente pesquisa, os métodos ficam subentendidos, e não explicitados.

Nesse ponto, é necessário advertirmos que não consideramos que um “bom” artigo científico necessariamente deve apresentar os cinco elementos que compõem esse conjunto de variáveis de forma explícita. Se o artigo se baseia, por exemplo, em dados secundários, as próprias fontes utilizadas podem indispor das informações metodológicas relevantes. Dessa forma, por vezes,

a ausência de uma seção metodológica em um trabalho científico é plenamente justificável. Assim, não propomos aqui uma avaliação da qualidade individual de cada um dos artigos que compõem a amostra. Argumentamos, porém, que, quando tomada em um conjunto, a recorrência da ausência de explicitação de diversos elementos que compõem os procedimentos metodológicos de uma investigação empírica atesta uma característica do campo que merece avaliação crítica: a baixa explicitação dos procedimentos metodológicos das investigações. (MAZZILLI; DOWBOR; SZWAKO, 2021)

OBJETIVOS

Esta monografia tem como objetivo geral verificar a presença ou ausência da valorização de narrativas individuais e da subjetividade como bases para a produção de conhecimento no campo da sociologia. O segundo objetivo é avaliar a sinalização da metodologia utilizada nos resumos de artigos selecionados, a partir dos critérios descritos na seção de metodologia. Dessa forma, é possível conferir se a maioria nos artigos possui ou não metodologia descrita no resumo, usando essa informação como *proxy* da importância e destaque dadas ao método utilizado, uma vez que um resumo de um artigo é a seção que contém, de forma breve, os pontos principais de um texto. Como objetivos específicos, este trabalho tem por finalidade construir um breve panorama da presença da metodologia nas revistas científicas brasileiras. As variáveis selecionadas permitem demonstrar quais os métodos mais utilizados, quais os assuntos mais tratados, quais revistas têm o maior e o menor percentual de artigos com metodologia no resumo, quais as técnicas e métodos mais utilizados, bem como as principais fontes primárias de pesquisa.

Os objetivos se relacionam a uma preocupação com uma fundação epistemológica e metodológica firme para a Sociologia cultivada durante meu percurso na graduação em Sociologia na Universidade Federal Fluminense. Acredito que tudo se inicia nos estudos acerca da epistemologia. Uma reflexão profunda sobre a teoria do conhecimento das ciências sociais precede a boa aplicação e compreensão das metodologias, pois as desmistifica. O ensino da metodologia propriamente dita enfrenta vários percalços em uma graduação de ciências sociais, mas eu gostaria de começar essa discussão a partir da educação básica. Pensar cientificamente, e conseqüentemente, utilizar métodos ordenados e reproduzíveis para a explicação do mundo é algo que pode e deve ser ensinado desde as séries primárias, da mesma maneira que a argumentação é ensinada. Ao longo de todo o ensino médio são suscitados debates, rodas, apresentações e redações discursivas argumentativas. Já o método científico organizado, sistematizado, demonstrável e reproduzível, é deixado de lado, sendo resgatado apenas no ensino superior, o que inevitavelmente se torna um entrave.

O ensino da Sociologia, que eu desejaria pessoalmente, que fosse introduzido o mais cedo possível, desde a Escola primária, desempenha, a meu ver, um papel crucial para a vida coletiva e para a formação de cidadãos nas sociedades democráticas. Sustento que o ensino pedagogicamente adaptado da Sociologia desde a Escola

primária constituiria uma resposta adequada (e muito melhor que outras) às exigências modernas de formação escolar dos cidadãos. (LAHIRE, 2014)

Um estudante que passou toda sua vida acadêmica se municiando de bons argumentos se depara com uma realidade em que seu conhecimento prévio é colocado em suspenso. Quase como uma forma de proteção das próprias crenças, muitos alunos rejeitam os métodos em favor da própria experiência e lógica de argumentação, cultivando a subjetividade como fonte de conhecimento, mesmo sem possibilidade de generalização ou reprodução. Não estou, obviamente, declarando guerra à subjetividade e a lógicas distintas de argumentação, o mundo social precisa ser olhado de vários ângulos, mas é necessário explicitar como e o que se está olhando, para que outros também o possam fazer, se assim julgarem necessário.

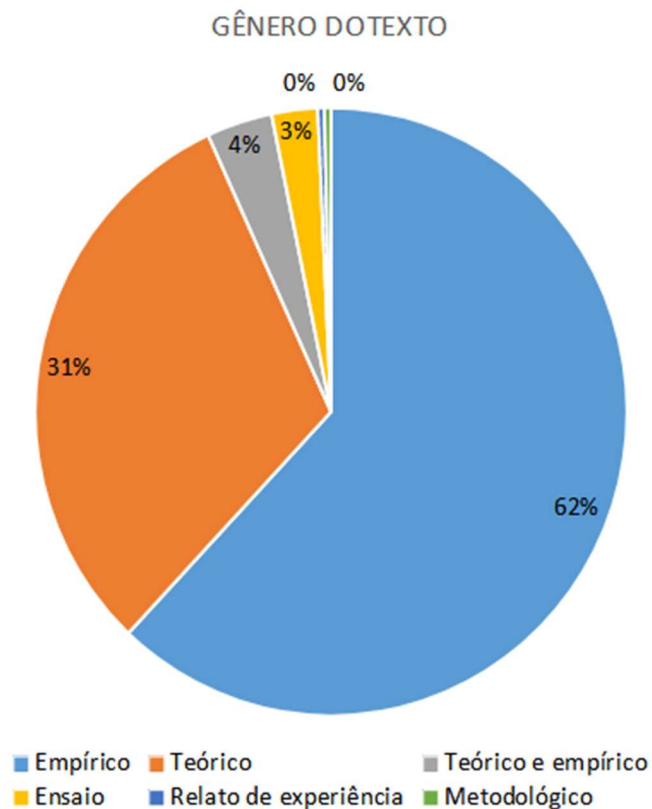
DADOS E DISCUSSÕES

Feitos todos os procedimentos citados na seção de metodologia, realizou-se a análise e o cruzamento dos dados da planilha. Nessa seção estarão apresentados alguns gráficos e tabelas, frutos dessa análise. A figura 1 apresenta o resultado da classificação dos 279 artigos de acordo com o gênero textual. Os artigos foram divididos em empíricos, teóricos, teórico e empírico, metodológicos, ensaios, relatos de experiência. São considerados artigos empíricos aqueles que pretendem produzir descrições, explicações, identificar padrões, determinar causas ou mecanismos envolvendo fatos observáveis (Little, 1991). Artigos teóricos são aqueles dedicados exclusivamente a discussões teóricas, geralmente centradas em autores, correntes sociológicas, debates metateóricos, etc. Artigos considerados simultaneamente teóricos e empíricos geralmente fazem movimentos de via dupla entre a pesquisa de casos empíricos e discussões teóricas amplas, usando a empiria como forma de iluminar, discutir, retificar, aprofundar ou confrontar teorias sociológicas. Ensaaios são textos de caráter opinativo, contendo críticas, reflexões e impressões do(a) autor(a) sobre um tema. Finalmente, textos metodológicos são aqueles que se propõem a apresentar e discutir metodologias de pesquisa.

O gráfico demonstra o predomínio dos artigos empíricos sob os artigos teóricos. Isso significa que 62% da produção analisada consiste em textos que se debruçam sobre conjuntos de fatos observáveis. Alguns exemplos de títulos de artigos classificados dessa maneira são: “Resiliência institucional: para onde vai a participação nos Conselhos Nacionais de Saúde e dos Direitos da Mulher?”, “Fronteira Tapajós e direitos das crianças: impactos sociais de grandes empreendimentos econômicos”, “Mercado das Drogas Ilícitas e Homicídios no Brasil: Um Estudo Comparativo das Cidades de Belo Horizonte (MG) e Maceió (AL)”. Artigos teóricos representam 31% dos casos. Exemplos de artigos que receberam essa classificação são: “As subjetividades coletivas e as províncias prático-hermenêuticas da vida social”, “1968 e a teoria social contemporânea, 50 anos depois: rebelião social, fragmentação ou nova cultura política?”, “Theodor Adorno e Eric Hobsbawm Sobre o jazz” e “Os populismos de Francisco Weffort”. Cabe destacar que apenas um artigo em todo o universo de casos foi classificado como metodológico: “Desafios da pesquisa no ensino superior: o caso da internacionalização entre o explanandum e o explanans”. O texto em questão aborda diferentes metodologias de pesquisa sobre o Ensino

Superior apontando suas premissas e pressupostos implícitos e discutindo possíveis problemas, como a reificação do Estado e do Ensino Superior. O baixo número de artigos dedicados a discussões metodológicas pode ser visto como um primeiro indício da pouca valorização da metodologia na sociologia no Brasil, como apontado por Ignacio Cano (2012). Por outro dado, o baixo número de relatos de experiência pode ser uma primeira indicação de que a experiência e o testemunho pessoal como bases para a produção de conhecimento não alcançaram o núcleo da produção científica da Sociologia, representada aqui nos artigos de revistas com classificação A1. Cabe ainda ressaltar que o artigo em questão é um relato produzido por uma pesquisadora sênior, com décadas de experiência de pesquisa sobre o tema discutido.

Figura 1 – Gênero dos textos



N = 279

Tabela 2 – Gênero dos textos

Empírico	173
Teórico	87
Teórico e empírico	10
Ensaio	7
Relato de experiência	1
Metodológico	1
Total	279

Outro dado extraído da planilha é a área de formação dos(as) primeiros(as) autores(as) dos artigos. Tal informação geralmente está disponível no próprio artigo. Nos demais casos, foi feita busca na Plataforma Lattes para determiná-la. Apesar de as revistas escolhidas serem de sociologia, foram encontrados mais de 18 campos de atuação. Sociólogos(as) de formação representam 48% dos(as) primeiros(as) autores(as), seguidos por cientistas políticos (16%), doutores em Ciências Sociais (9%) e antropólogos (7%). Se somarmos autores do campo das ciências sociais, incluindo aí a Sociologia, Ciência Política e Antropologia, eles somam 80% dos casos.

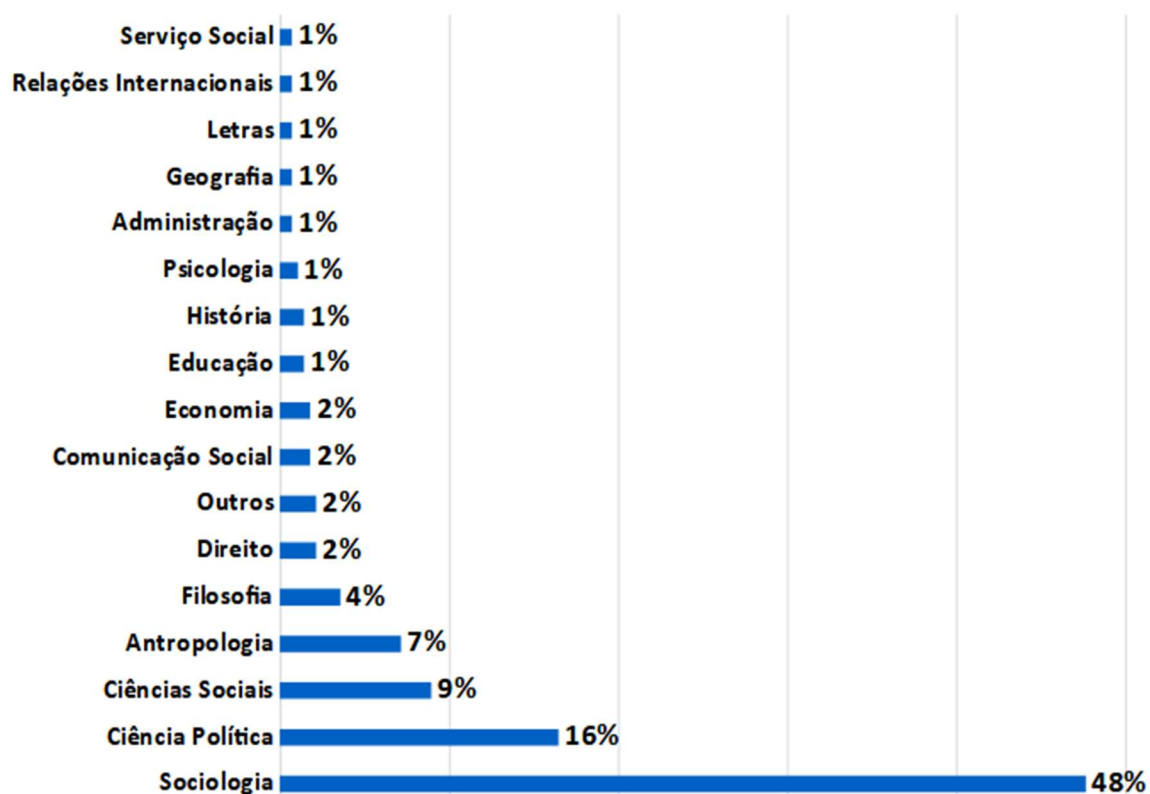
A presença de autores oriundos de outros campos acadêmicos não é uma surpresa, pois a sociologia é conhecida por ser uma área de intersecção entre diversas áreas do conhecimento, justamente por tratar de uma vasta gama que temas a partir da perspectiva de compreensão de sentido. A sociologia não se limita a questões estruturais, ou a questões de formação de sociedade, ou a questões macro ou microssociais. O campo sociológico hoje é extremamente vasto, ilimitado e interdisciplinar em suas capacidades (HILL COLLINS, 1998). Desta maneira também é possível constatar que o campo acadêmico da sociologia não é composto apenas por sociólogos, o que traz a necessidade do cuidado epistemológico e metodológico para assegurar que, apesar das intersecções, o produto final ainda seja sociologia.

Tabela 3 – Áreas dos(as) autores(as) principais

Sociologia	133
Ciência Política	46
Ciências Sociais	25
Antropologia	20
Filosofia	10
Direito	6
Outros	6
Comunicação Social	5
Economia	5
Educação	4

História	4
Psicologia	3
Administração	2
Geografia	2
Letras	2
Relações Internacionais	2
Serviço Social	2
Arquitetura e Urbanismo	1
Saúde Coletiva	1
Total	279

Figura 2 – Áreas dos(as) autores(as) principais



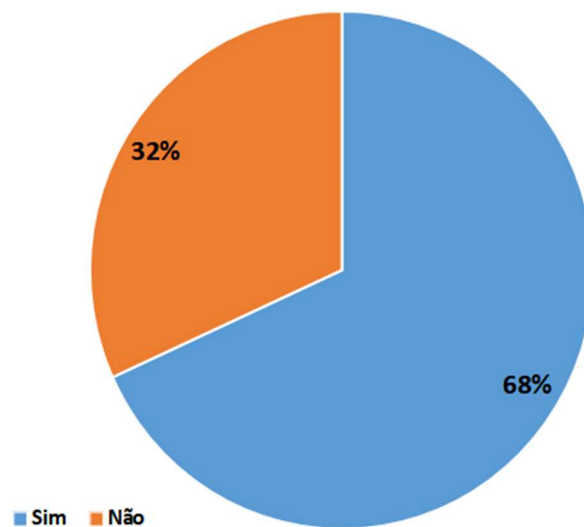
N = 279

O gráfico a seguir trata do tema central dessa monografia, que é a explicitação, no resumo do artigo, do método e/ou metodologia utilizada. O conjunto total de textos analisados é de 279 artigos. Entretanto, para a criação desse gráfico foram utilizados apenas os 173 artigos classificados como empíricos, conforme a Tabela 2. O que se constata é que 68% - em valores nominais 118 dos 173 artigos contabilizados para essa finalidade – possuem a indicação de metodologia no resumo. Nos demais não há indicação de como o autor alcançou os objetivos propostos e chegou aos resultados apresentados. É

possível supor que no caso das metodologias mais comuns existe uma tendência dos autores a não descrevê-las, como apontam Mazzilli, Dowbor e Szwako.

“ [...] autoras que fazem uso de métodos e técnicas de análise menos recorrentes no campo sintam maior necessidade de expô-las explicitamente. Ademais, é possível que determinadas tradições metodológicas sejam mais rigorosas do ponto de vista da exposição dos procedimentos metodológicos em comparação a outras (o que não implica em demérito do método ou técnica em si). Por exemplo, é possível que a baixa explicitação de métodos e técnicas qualitativas se relacionem ao seu uso tradicional e difundido nas ciências sociais no Brasil, criando a impressão de que sua apresentação é dispensável. (MAZZILLI; DOWBOR; SZWAKO. 2012)

Figura 3 – Presença de metodologia no resumo



N = 173

Possivelmente o fazer contínuo de ciência leva a algum grau de automatização da produção, principalmente quando se espera que o público consumidor do artigo já esteja familiarizado ou faça parte do campo acadêmico. Dessa forma, o autor pode omitir pontos importantes como a metodologia. No entanto, outra possibilidade é que os dados confirmem aquilo que aponta Cano (2012) a respeito das ciências sociais no Brasil, isto é, que há tendências a se dar mais valor aos argumentos, ou os resultados, do que ao percurso traçado, a forma de fazer, o método. Nesses 32% dos casos, os resumos geralmente são compostos por argumentos, objetivos, descrições tema tratado e escolhas teóricas do(a) autor(a). Vale a pena lembrar que esta variável indica apenas que

os artigos não possuem metodologia em seu corpo, que ela não está especificada em seu resumo, e não que ela não possui nenhum método. Cano (2012) afirma que vivemos no mundo dos comentários:

De fato, o tipo ideal de cientista social erudito que parece ser promovido em alguns círculos, caracterizado pela sua habilidade para citar autores e sua brilhante oratória muito mais do que pela sua capacidade de fundamentar empiricamente suas afirmações, não parece muito distante do estilo do ensino no direito ou na filosofia. É o argumento, e não o dado, que faz a diferença (CANO, 2012).

Outro ponto importante de salientar, este talvez um pouco mais delicado, é o papel das revistas científicas que publicam os artigos. Todos os artigos passam por avaliação prévia antes de serem publicados em uma revista, e apenas os melhores, segundo avaliadores anônimos, são publicados. Nessa pesquisa, foram escolhidas as revistas de classificação A1, segundo os filtros da Plataforma Sucupira. Logo, o conjunto de artigos analisados representam os artigos de melhor avaliação do país. Ainda assim, ao longo do trabalho de classificação dos resumos, enfrentou-se muita dificuldade de identificar de forma clara e objetiva aqueles componentes básicos de um resumo de artigo científico. De acordo com Jairo Nicolau (2013), um resumo deve conter objetivos, justificativa e metodologia:

Um resumo bem feito prende a atenção do leitor e o estimula a ir adiante na leitura. Não caia na tentação, tão frequente, de “cortar e colar” trechos do projeto no resumo. Rediga um texto curto (entre 100 e 300 palavras) e original, enfatizando os três aspectos fundamentais da pesquisa: o que você pretende fazer; por que é importante fazer; e como será feito. (NICOLAU, 2013, p. 347)

A figura 4 trata dos tipos que metodologia mais utilizadas. Observa-se o predomínio das metodologias qualitativas, que respondem por 56% dos casos. Os métodos quantitativos são utilizados em 20% dos artigos e métodos mistos (qualitativos e quantitativos, simultaneamente) estão presentes em 11%. Na figura 5, apresentada mais à frente, constatamos que o método qualitativo mais comum é a análise documental. Tais achados estão em linha com o que é descrito no artigo *Métodos Em Movimento: Quais São Os Desafios Metodológicos Para Os Estudos De Movimentos Sociais No Brasil Contemporâneo?* anteriormente citado. Naquela pesquisa sobre os artigos apresentados na ANPOCS e a SBS sobre Movimentos Sociais foi dito no seguinte: “Em linhas gerais, apontamos aqui para uma baixa diversidade, com a

concentração da área em estudos qualitativos e no uso das técnicas de entrevista e pesquisa documental.” (MAZZILLI; DOWBOR; SZWAKO, 2021). O panorama, enfim, é muito compatível com os resultados encontrados na pesquisa dessa monografia.

Constatou-se também a presença de 22 artigos empíricos em que não foi possível identificar o método utilizado nem no resumo nem com a leitura dos mesmos. O que se verificou na maioria desses casos é que os autores se apoiaram sobretudo em fontes secundárias para construir os argumentos. Olhando mais de perto, verifica-se que 75% deles têm como fontes artigos e livros de outros autores (o que chamamos de bibliografia secundária) e os demais 25% combinam bibliografia secundária com fontes jornalísticas. Nesses casos, portanto, os autores não produziram ou compilaram os próprios dados da pesquisa, construindo narrativas baseadas em fontes de terceiros. Não se trata também de casos de revisão de literatura, pois os autores não apontaram essa estratégia como a opção escolhida ou a implementaram em seus artigos.

Figura 4 – Classificação dos métodos

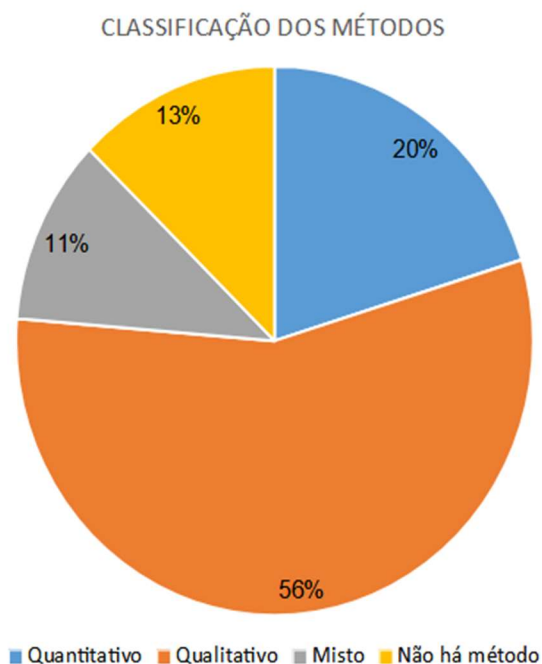


Tabela 4 – Classificação dos métodos

Quantitativo	35
Qualitativo	97
Misto	19
Não há método	22
Total	173

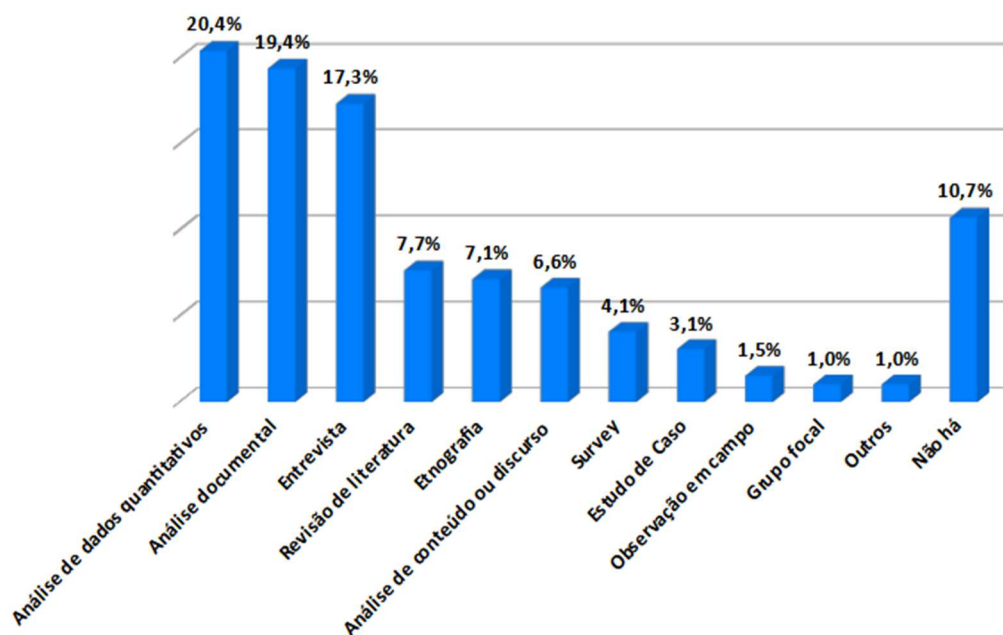
Mais da metade dos artigos empíricos foi construído com base em metodologia qualitativa, o que não se constitui um problema. Entretanto, isso pode indicar uma baixa variabilidade de perspectivas, pois utilizar sempre o mesmo método para um mesmo problema implica nas chances de encontrar os mesmos resultados. Tomemos como exemplo o clássico *Estabelecidos e Outsiders*, de Norbert Elias e John Scotson (2000). No capítulo “Considerações sobre o método”, os autores afirmam que muitos outros sociólogos visitaram *Winston Parva* antes deles, e fizeram seus estudos com base em metodologia quantitativa com técnicas de aplicação de questionários, que revelavam muito pouco sobre a configuração social da cidade, já que segundo os autores, havia uma consciência coletiva que impedia os moradores do bairro 2, o bairro intermediário, extrapolar a imagem que tinham de si próprios e dos outros bairros. Por esse motivo qualquer desvio desse modelo de pensamento era coletivamente repreendido.

As entrevistas e fichas de registro permitiram compilar dados quantitativos e apresentar alguns deles sob a forma de tabelas estatísticas. Mas os dados quantitativos assim compilados só podiam ser considerados parte das provas necessárias a pesquisas sobre esse tipo de problemas. Podiam ajudar a avaliar se as diferenças ‘estruturais’ do tipo que se costuma ter em mente ao empregar o termo ‘estrutura’ nesse contexto, tais como as diferenças profissionais ou de renda, eram ou não suficientemente grandes para explicar as diferenças de status que se afirmava existirem no local entre dois bairros operários, as diferentes imagens que os bairros tinham de si mesmos e a postura excludente, relativamente acentuada, que tinham os membros da zona ‘superior’ em relação aos da ‘inferior’. Todos esses pressupostos estavam bem dentro do espírito de um método que restringia seu uso a um conceito das sociedades como congéries ou amontoados de pessoas, como ‘populações estatísticas’, desviando a atenção das configurações específicas que as pessoas formam entre si — das estruturas sociais específicas. Em *Winston Parva*, logo ficou muito patente que as respostas recebidas nas entrevistas ou noutros contextos, particularmente as que diziam respeito às configurações existentes dentro dos vários bairros e entre eles, não eram, para começar, a expressão de ideias separadamente formadas, por cada indivíduo. As respostas individuais eram parte integrante das crenças e atitudes comuns, mantidas por várias formas de pressão e controle sociais, sobretudo na Zona 2, onde a coesão entre os vizinhos era relativamente alta, e também pelas pressões de uma situação comum, especialmente na Zona 3, onde a coesão era menor. Em outras palavras, elas representavam variações individuais das crenças e atitudes padronizadas que circulavam nessas áreas (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 39-40)

A situação do *Winston Parva* só foi compreendida a partir do emprego da metodologia qualitativa, que gerou a teoria dos estabelecidos e outsiders. Esse é um exemplo da necessidade da variedade de métodos, e da inexistência de um método superior, pois tudo depende da situação que se pretende estudar. O alto grau de concentração em uma única metodologia pode limitar as possibilidades de investigação apreensão de sentido de das dinâmicas sociais. Outro caso metodológico relevante é o também clássico *Suicídio* de Émile Durkheim: o autor usa uma metodologia quantitativa para avaliar um fenômeno aparentemente particular e íntimo, mostrando que não há oposição entre temas e métodos - qualquer tema pode ser tratado com qualquer método, desde que empregado corretamente.

Mas, como já dizia Wagner há muito tempo, o que chamamos de estatística dos motivos de suicídios é, na realidade, uma estatística das opiniões que têm sobre esses motivos os agentes, muitas vezes subalternos, encarregados desse serviço de informações. Sabe-se, infelizmente, que as constatações oficiais com muita frequência são deficientes, mesmo quando se referem a fatos materiais e visíveis que qualquer observador consciencioso pode captar e que não deixam espaço para nenhuma apreciação. Mas como devem ser mantidas sob suspeita quando têm por objeto, não simplesmente registrar um acontecimento, e sim interpretá-lo e explicá-lo! É sempre um problema difícil definir a causa de um fenômeno. O cientista precisa de todo tipo de observações e de experiências para resolver apenas uma dessas questões. Ora, de todos os fenômenos, as volições humanas são os mais complexos. (DURKHEIM, 2000, p. 70)

Figura 5 – Métodos utilizados



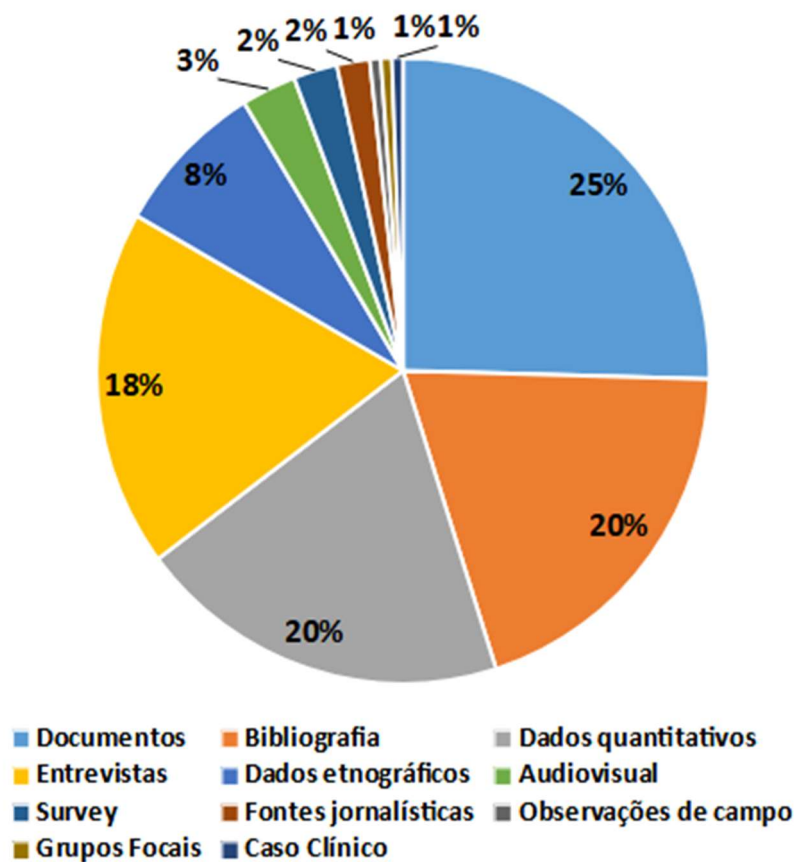
A metodologia como demonstra a Figura 4 pode ser quantitativa, qualitativa ou quali-quantitativa, enquanto cada uma das técnicas pode ser classificada de uma maneira de acordo com esta classificação anterior, ou seja, entrevistas são consideradas métodos qualitativos, enquanto aplicação de questionários é considerado um método quantitativo. No caso de Norbert Elias, houve não somente uma mudança de técnica, mas também uma mudança metodológica. Os dados apontam que as técnicas mais utilizadas nos artigos empíricos foram: análise de dados quantitativos (20,4%), análise documental (18,4%) e entrevista (17,3%). Vale ressaltar que os artigos desta pesquisa foram de modo geral produzidos antes da pandemia. Naturalmente, no cenário de restrições que vigora hoje incide numa grande mudança no panorama dos métodos utilizados, esta análise, entretanto, não é o objetivo desta pesquisa. Para a boa execução de uma pesquisa, metodologia e técnica precisam ter um casamento lógico. Não há problemas em aplicar questionários a fim que delimitar um problema que se deseja analisar de maneira qualitativa, bem como é possível explorar quantitativamente uma situação apreendida a partir da observação, desde que se aguarde o rigor científico.

Outro dado analisado foi o das fontes de pesquisa, apresentadas na figura 6. Os documentos foram a principal fonte pesquisa (25%), seguido por bibliografia (20%) e dados quantitativos (20%). Todo artigo acadêmico dialoga com alguma literatura e, portanto, tem diálogo com uma bibliografia. Contudo, a presença de bibliografia entre as fontes de pesquisa sinaliza nesses casos que

fontes secundárias serviram de base para argumentos empíricos do(a) autor(a).
A importância dos documentos como fontes de pesquisa

provavelmente deve-se ao fato de os órgãos oficiais do Estado disporem de uma vasta gama desses dados, que na maioria dos casos são de acesso público, o que facilita o processo de pesquisa, que como se sabe, no Brasil tende a ser muito complicado. Dados de órgão de pesquisa como IPEA, INEP, documentos de prefeituras, ministérios ou de arquivos públicos, são fontes de pesquisa muito utilizadas nos textos pesquisados.

Figura 6 – Principais fontes de pesquisa



A próxima imagem trata de uma categoria especial criada para este trabalho. Mais do que uma simples crítica à importância dispensada a metodologia nas produções brasileiras, procuro aqui compreender o sentido dado a metodologia pelos próprios sociólogos. Acredito que esta seja uma forma de compreender como nós vemos e nos projetamos dentro do nosso próprio campo. Trazendo brevemente discussão de Bourdieu sobre a autonomização dos campos, gostaria de ressaltar que apesar das fortes pressões externas que

a sociologia sofre constantemente, seja ideologicamente, politicamente ou economicamente, nossa atenção enquanto comunidade acadêmica também deve estar focada em nós mesmos. Observar a movimentação interna é tão importante quanto observar a externa. Dito isso, a figura que segue trata dos métodos utilizados através das palavras dos próprios autores. A coluna da planilha MÉTODO DESCRITO PELO AUTOR traz o trecho exato do resumo em que o autor descreve o método utilizado. Logo esta nuvem de palavras, bem como a gráfico a seguir, demonstra as palavras mais utilizadas para expressar os métodos utilizados. Há uma predominância da palavra ‘análise’ e ‘pesquisa’, o que demonstra uma compreensão geral da orientação principal da sociologia, mas é preciso levar em consideração que essas duas palavras não especificam o método utilizado. Já entrevistas, dados e bibliográfica são uma indicação mais clara dos principais métodos utilizados, o que é corroborado pelo gráfico de métodos.

Figura 7 – Nuvem palavras dos métodos descritos pelos autores



Finalmente, a Figura 8 traz análise os principais temas pesquisados. Desde seu princípio a sociologia percorreu uma variedade de temas, que foram se alterando em nível de importância e quantidade de produções ao longo do tempo. Nos primeiros anos, havia uma grande preocupação com as modificações sociais causadas pelas relações que trabalho, nesse tempo a sociologia estava muito próximo da teoria econômica, como se pode observar Marx e Weber. A microssociologia também teve o seu momento, com Simmel e Goffmann, por exemplo, que estreitavam os laços com a antropologia, e as técnicas etnográficas. Na sociologia brasileira tivemos um momento de aproximação com as ciências políticas dos anos 80 ao início dos anos 2000, como expoentes como Darcy Ribeiro e Fernando Henrique Cardoso. Como aponta o gráfico, hoje a sociologia está muito próxima do tema da educação, como educação, vide o texto extensamente citado aqui de Ignacio Cano, que trata das dificuldades do ensino da metodologia no Brasil. O tema da política também ainda é muito forte, apesar do foco diferente da virada do milênio, quando os sociólogos se concentravam muito mais na política externa, sobretudo pela influência do neoliberalismo. Explicações sobre política hoje estão muito mais focadas na política interna, nas consequências do processo eleitoral, e nos efeitos das políticas públicas. A tabela também aponta a predominância de temas relacionado ao trabalho, que pode ser explicado pelas novas relações de trabalho que tem sido estabelecidas nos últimos anos, como por exemplo o fenômeno da *uberização* e a consequente precarização das condições de trabalho. Também há uma alta concentração de produções relacionadas ao meio urbano, sobretudo sobre as metrópoles.

Figura 8 – Nuvem de palavras-chave



Tabela 5 – Tabela dos 30 principais palavras-chave

Social	38
Sociais	28
Política	27
Teoria	23
Sociologia	20
Políticas	18
Públicas	14
Brasil	12
Saúde	11
Trabalho	11
Urbana	11
Urbano	10
Violência	10
Democracia	9
Desenvolvimento	9
Educação	9
Sistemas	9
Cultura	8
Desigualdade	8
Direitos	7

Pensamento	7
Relações	7
Sistema	7
Ambiental	6
Conflito	6
Político	6
Público	6
Renda	6
Urbanos	6

Após a exposição e análise dos dados, é possível buscar responder as duas perguntas levantadas na seção dos objetivos da pesquisa, a saber: epistemologias relativistas, subjetivistas e individualizantes estão presentes no núcleo da produção científica da área de Sociologia no Brasil? Qual é a importância e presença dos métodos científicos nas produções acadêmicas da sociologia? Quanto à primeira questão, os dados sinalizam que a experiência pessoal, o relato e o testemunho têm baixa ou nenhuma presença nos artigos de Sociologia publicados em revistas A1. A análise qualitativa dos resumos também mostra pouca presença dos termos associados a essa visão de epistemologia. Quanto à segunda pergunta, os dados, de modo geral, indicam que a metodologia é destacada em 63% dos resumos dos artigos empíricos e não aparece em 32% deles. Essa classificação foi o mais flexível possível, entendendo como “metodologia” qualquer indicação de técnica, fonte ou procedimento. Em número pequeno, mas ainda assim expressivo, de artigos não se identificou nenhuma indicação de método nem no resumo nem no corpo do texto. Quanto às técnicas e fontes utilizadas, as conclusões são parecidas com aquelas do estudo de Pereira, Dowbor e Szwako (2021), que apontam para a baixa diversidade de técnicas e a prevalência de fontes documentais. Entendo que pesquisas de diagnóstico como essas deveriam ser mais recorrentes e os dados amplamente difundidos dentro da comunidade, para que possamos ter uma visão ampla das nossas próprias produções, e não apenas recortes voltados para temas ou instituições específicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema a presença da metodologia e os pressupostos epistemológicos da produção científica recente da sociologia brasileira. Os objetivos foram de mapear as produções foram atingidos através de uma metodologia quantitativa e da técnica de revisão sistemática. A função do método é evitar que um pesquisador caia no viés de confirmação. Contudo, caso isso ocorra, o método deve assegurar que outros pesquisadores poderão constatar esse problema através da replicação das etapas.

É fato que as ciências sociais, de uma maneira geral, suscitam debates de todo tipo, pois, os seres humanos são sensíveis aos dados produzidos sobre e por eles mesmo. Entretanto, a sociologia se faz de dados, e não de argumentos. Da mesma maneira que comer uma tangerina não é ser biólogo, falar sobre o mundo social não é ser sociólogo. Novamente, o conhecimento não se dá *a priori*, nem mesmo se encontra nas camadas mais rasas da investigação, na maior parte das vezes. Da mesma forma que a biologia usa instrumentos precisos e a matemática fórmulas elaboradas, a sociologia dispõe de ferramentas para a compreensão do mundo social, e essas ferramentas estão nos próprios cientistas sociais e são construídas ao longo de sua formação. Tal constatação é o que nos leva à problemática do uso e relevância da metodologia no país.

Pesquisas futuras poderiam identificar se a problemática da “epistemologia do eu” se verifica em outras publicações, classificadas em outros estratos pela CAPES. No caso da ciência, os fins não justificam os meios. Por mais justificável que possa parecer subverter a ciência, isso pode abrir caminho para posturas anticientíficas como as que observamos hoje. Colocar o relato, ou ainda, a própria experiência à frente do método gera a impossibilidade de arbitrar qual conhecimento é mais acurado. Isso porque toda experiência é singular, logo, não há possibilidade de generalização. O que ocorre então é uma guerra da representação, ou disputa pela definição do mundo social, o vai em sentido completamente oposto da ciência, apoiada na discordância cordial, na crítica constante e na revisão por pares.

Entretanto, não se pode ser ingênuo a ponto de acreditar que não existem as aspirações ou vieses na ciência como um todo. Todo cientista é um ser humano e sempre tem vieses. Ter reflexividade e consciência disso é parte importante do ofício. Nós, como seres sociais, estamos sempre procurando o

conforto do que já é conhecido, vemos formas nas nuvens, ouvimos nosso nome mesmo quando não há ninguém chamando, vemos rostos conhecidos na multidão, sempre buscamos por similaridades, e isso é uma armadilha para o fazer científico, pois a ciência busca justamente o que não está claramente demonstrado, ou seja, aquilo que requer estranhamento e investigação. A busca por padrões conhecidos é o que chamamos de viés de confirmação. Clamar por verdades definitivas, apesar de tentador, não é realista.

A crítica aqui é ao identitarismo crescente nas ciências sociais, que muitas vezes transforma o campo em uma espécie de terapia coletiva. Apesar de tratar dos indivíduos, a sociologia os observa pela ótica da interação social e não da psique humana ou do sofrimento particular. A sociologia não é a ciência da experiência individual. Negar o método sob a pretensão de representar experiências individuais subjetivas dos atores sociais é uma armadilha. Outras vezes, o que se vê são muitas produções concentradas em um mesmo tema, sem grandes variações de análise ou de métodos, o que faz com que pareça que uma questão já está esgotada, quando não está.

Outro problema que pode render investigações futuras é a rejeição dos métodos quantitativos por diversos movimentos sociais. Não é incomum a associação das estatísticas à frieza, e os relatos à emoção. Eu, porém, acredito que não existe razão nessa lógica. Uma estatística sobre aumento no número de homicídios, por exemplo, tem um impacto direto na percepção de violência das pessoas, que se traduz num sentimento de insegurança. Acredito que a grande diferença entre a sociologia e as demais ciências é que a análise sociológica não se limita à apuração, ela vai além, em busca do sentido e dos motivos, o que torna o trabalho muito mais árduo e complexo, pois sempre podemos esbarrar em algo cuja explicação atravessa outras questões. Outro ponto, é que mundo social está sempre em movimento, não há verdade absoluta, e a mudança é constante e inevitável. Tudo isso pode fazer parecer que não há necessidade de rigor. Porém, é justamente o contrário. Para se observar as mudanças do mundo, é preciso de análises concisas e confiáveis, pois a ciência, seja ela qual for, é construída ao longo de anos, através do esforço coletivo e do conhecimento acumulado.

Por fim, gostaria de refletir sobre a frase de Bourdieu está no início da introdução. A sociologia é uma ciência porque investiga aquilo que há quem esteja disposto a morrer para esconder. E nós cientistas, cientes desta condição, devemos

nos esforçar para tornar a produção sociológica mais ordenada e mais clara o possível, através da utilização correta da metodologia. Também gostaria de salientar, que não trago aqui nenhuma questão nova. Na bibliografia utilizada pode-se perceber que os temas abordados aqui são tratados desde o início da sociologia. Weber expressou essa preocupação 100 anos atrás, e minha intenção foi relembrar o quanto elas ainda são importantes.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

CANO, Ignacio **Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil**. Sociologias [online]. 2012, v. 14, n. 31 [Acessado 25 Janeiro 2022] , pp. 94-119. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-45222012000300005>>.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jonh L.. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FONSECA, N. & SÁNCHEZ-RIVERO. M. (2019). **Revisões sistemáticas da literatura: Uma súmula para as ciências sociais**. Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal, 35, 73-82. doi: 10.18089/DAMeJ.2019.35.5

HILL COLLINS, PATRICIA **On Book Exhibits and New Complexities: Reflections on Sociology as Science”**. *Contemporary Sociology*, Vol. 27, No. 1 (Jan), 1998, p. 7-11

LAHIRE, Bernard. **Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da sociologia?**. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 1, n. 45, p. 45-61, 2014.

LITTLE, Daniel. **Varieties of Social Explanation**. Summertown, Oxford: Westview Press, 1991

MARTINS, Maria de Fátima M. **Estudos de Revisão de Literatura**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018. 37 slides, color.

NICOLAU, Jairo. Breve roteiro para elaboração de um projeto de pesquisa. **Revista Estudos Políticos**, 6, 2013, p. 346 - 356

PEREIRA, Matheus Mazzilli; DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. **Métodos em movimento: quais são os desafios metodológicos para os estudos de movimentos sociais no Brasil contemporâneo?** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 20., 2021, Belém.

ROJAS, Fabio. **Theory for the working sociologist**. New York: Columbia University Press, 2017

VAN ZONEN, Liesbet. **I-Pistemology: changing truth claims in popular and political culture**. Loughborough: Sage, 2012.

Anexo A – Link para planilha de artigos

Fica disponível a planilha contendo todos os artigos utilizados para a construção das tabelas e gráficos desta monografia:

https://docs.google.com/spreadsheets/d/e/2PACX-1vRal_jSmOF6z1juPB6HWUgBtPs7TPNqyVdAMg3tw3funoh_gioYJmzYlgpLSjRcnNd6guBbJEWjoE-P/pubhtml

Para acesso à versão editável, por favor entre em contato pelo e-mail deborahleandro@id.uff.br